

MATERNIDADE EM *THE GUARDIANS*, DE ANA CASTILLO

Juliana Meanda

Resumo: O artigo analisa a questão da maternidade em *The Guardians* (2007), romance da escritora Ana Castillo. A narrativa se dá no contexto da fronteira entre México e Estados Unidos, e seu enredo é desenvolvido por meio de quatro narradores, que manifestam diferentes facetas da experiência chicana. Regina é a narradora através da qual é desenvolvido um dos tópicos mais significativos na obra – a questão do vínculo materno, que trata não somente da sua relação maternal com seu sobrinho, mas também da personagem como filha, sendo marcante a presença de sua falecida mãe. É notável a analogia entre Regina e a Virgem de Guadalupe, ícone da comunidade chicana, que representa a mãe virgem. São analisados conceitos como maternidade versus maternagem, matrofobia e “(m)othering the borderlands”, permitindo uma visão mais ampla da relação materna no referido cenário, levando em consideração aspectos de raça/etnia, classe e gênero.

Palavras-Chave: Literatura chicana. Fronteira. Maternidade.

Abstract: The article analyzes the issue of motherhood in *The Guardians* (2007), novel by Ana Castillo. The narrative takes place in the context of the border between Mexico and the United States, and its plot is developed through four narrators, who manifest different facets of the Chicana/o experience. Regina is the narrator through which one of the most significant topics in the work is developed – the issue of the maternal bond, which deals not only with her maternal relationship towards her nephew, but also with the character as a daughter, since the presence of her late mother is remarkable. The analogy between Regina and the Virgin of Guadalupe, an icon of the Chicana/o community which represents the virgin mother, is noteworthy. Concepts such as motherhood versus mothering, matrophobia and “(m)othering the borderlands” are analyzed, allowing a broader view of the maternal relationship in that scenario, taking into account aspects of race/ethnicity, class, and gender.

Keywords: Chicana/o literature. Borderland. Motherhood.

Nascida e criada em Chicago, Estados Unidos, e neta de mexicanos, Ana Castillo é uma das autoras mais conhecidas e renomadas da literatura chicana, possuindo uma obra que se estende pelos mais diversos gêneros, tais como poesia, romance, conto, ensaio e dramaturgia, além de atuar como editora e tradutora. O início de sua carreira literária se deu ao fim da década de 1970, e a escritora continua em atividade atualmente. Seu trabalho literário tem sido reconhecido e aclamado pela crítica, e a escritora tem sido considerada uma das principais vozes da literatura feminina chicana, termo este que implica uma consciência política por parte daquelas/es que o adotam, revelando uma identificação com questões culturais, sociais e políticas referentes à comunidade de estadunidenses que possuem origem mexicana ou de mexicanas/os que vivem nos Estados Unidos.

Castillo não somente se identifica com o termo chicana, como desenvolveu o conceito de “xicanisma”, um feminismo chicano, reivindicando um movimento feminista que integrasse não apenas questões de gênero, mas também étnicas e raciais, além da promoção de uma conscientização em relação a questões históricas, econômicas e espirituais. Tal concepção foi apresentada em sua obra de teoria

intitulada *Massacre of the Dreamers: Essays on Xicanisma*, baseada em sua tese de doutorado, tendo sua primeira edição publicada em 1994, e posteriormente uma edição revista e ampliada pela própria autora comemorativa de 20 anos, em 2014. Apesar de vir de uma família de origem humilde da classe trabalhadora, de ascendência mexicana, Castillo conseguiu seguir em seus estudos, alcançando a educação superior e a pós-graduação.

Suas produções frequentemente exploram temas de raça/etnia, sexualidade e gênero, especialmente no que se refere a questões de poder. Ao reconhecer o papel social que a atividade literária pode exercer, especialmente no caso de um sujeito subalternizado, Castillo também enfatiza, por meio de sua obra, a importância da interconexão entre tradição – seja ela política, social ou cultural – e revisionismo (GHIBAN, 2012, p. 3). Ela começou a escrever na época da efervescência do Movimento Chicano, usando sua obra como meio de protesto social, além de seu envolvimento real nas conferências e atividades públicas das chicanas (GHIBAN, 2012, p. 1). Castillo foi participante ativa no Movimento Chicano, tendo sido ativista durante os anos 1970, período em que ensinou diversos tópicos em faculdades comunitárias, tais como inglês como segunda língua e história mexicana e

mexicano-americana. Por um longo período, ela conciliou seu ofício de escritora com trabalhos diversos para sustentar seu único filho, tendo se separado de seu pai quando ainda era bem pequeno. Castillo trabalhou em várias faculdades e universidades em diversas cidades dos Estados Unidos, ensinando em áreas como literatura chicana e escrita criativa. Saindo do mundo acadêmico, Castillo começou a escrever em tempo integral na década de 1990.

Um de seus mais recentes romances, *The Guardians*, publicado em 2007, traz inúmeros tópicos para discussão e reflexão, tendo como um de seus temas centrais a questão da fronteira entre México e Estados Unidos, incluindo aspectos que envolvem a relação conflituosa entre os dois países, como policiamento, criminalidade, violência e os mais diversos tipos de injustiça e discriminação, em uma área caracterizada por contínua migração. Não consta de forma explícita na obra o momento específico em que a narrativa se desenrola, mas é possível apreender que se passa por volta de 2005, ou seja, próximo à data de publicação do livro, durante o período da presidência de George W. Bush, que governou os Estados Unidos entre 2001 e 2009, declarando “Guerra ao Terror” após o episódio de 11 de setembro de 2001, atacando o Afeganistão e posteriormente o Iraque.

O enredo se desenvolve por meio de quatro narradores: Regina, Gabo, Miguel e Milton a partir do desaparecimento de Rafa, irmão de Regina e pai de Gabo, ao tentar atravessar a fronteira do México para os Estados Unidos. Os pais de Gabo constantemente faziam a travessia para trabalhar na agricultura e ele já havia perdido sua mãe sete anos antes, assassinada ao tentar atravessar a fronteira entre os dois países junto com outras três mulheres, todas mutiladas por seus órgãos. Regina, de cerca de cinquenta anos, sem filhos e viúva de um combatente no Vietnã, é auxiliar docente em uma escola e vive sozinha em uma área desértica de uma pequena cidade fronteira, no lado dos Estados Unidos. Gabo, de quinze anos, é estudante e sobrinho de Regina, apresentado como um quase santo e/ou religioso fanático, que escreve cartas para um padre. Miguel, de cerca de trinta e cinco anos, é professor de história e colega de trabalho de Regina, além de ser um chicano politicamente ativo. Milton, um senhor idoso avô de Miguel, representa a memória do povo chicano. Miguel e Milton ajudam Regina e Gabo a procurar por Rafa e cada um expressa sua perspectiva em relação à vida e à história de mexicanos nos Estados Unidos.

The Guardians é dividido em dez capítulos e a distribuição entre os narradores é irregular, sendo que Regina inicia todos

os capítulos e tem a mais extensa participação na narrativa, com dezoito inserções ao longo de noventa páginas, além de ser ela que abre e encerra a obra. Em segundo lugar está Miguel, com nove inserções em quarenta páginas, seguido de Gabo, com oito inserções em trinta e oito páginas. Por último aparece Milton, com cinco inserções em vinte e três páginas. Como observa a professora de Estudos Literários Malgorzata Poks a respeito da obra¹:

Regina, uma chicana de 50 anos, mora em uma pequena casa às margens do deserto, uma posição fortemente sugestiva da epistemologia fronteira do romance. Como Regina é o principal centro de consciência do romance, a localização geopolítica de sua moradia é um símbolo do local de enunciação do romance.² (POKS, 2017, p. 128)

Assim, é notável a importância de Regina na narrativa, possuindo um lugar de fala que a coloca como emblemática da região de fronteira, além de ser possível considerá-la de certa forma a protagonista da obra, pois além de ser a narradora predominante no romance, Castillo coloca como epígrafe do livro uma citação que sugere o sentimento de amor maternal de Regina por seu sobrinho Gabo – apelido

1 Tradução livre da autora sempre que a obra citada estiver no original em língua inglesa.

2 “Regina, a 50-year-old Chicana, lives in a small house bordering the desert, a position strongly suggestive of the novel’s border epistemology. Since Regina is the novel’s main center of consciousness, the geo-political location of her casita is symbolic of the novel’s site of enunciation”.

de Gabriel, além de indicar a ligação dele com um lado espiritual, já implícita em seu nome. A epígrafe é composta por um trecho da letra de uma canção intitulada “Gabriel”, de 2001, da banda britânica “Lamb”, dupla de música eletrônica formada por Andy Barlow e Lou Rhodes. Castillo cita: “Eu posso voar / Mas quero as asas dele / Eu posso brilhar mesmo na escuridão / Mas anseio pela luz que ele traz / [...] / Eu posso amar / Mas preciso do coração dele / [...] / Meu Anjo Gabriel”³.

Além da questão da fronteira como divisão física e política entre Estados Unidos e México, há muitos outros cruzamentos de diversos tipos de limites na obra, com inúmeros atravessamentos simbólicos além daquele que marca a geografia e a história do povo chicano. Apesar de a fronteira, ao mesmo tempo material e simbólica, ser o tópico mais explicitamente abordado na obra, com suas implicações emocionais e sociais na vida daqueles que sofrem com injustiças e violência constantes, neste trabalho será abordado outro tema também bastante significativo no romance de Ana Castillo – a questão da maternidade envolvendo a personagem Regina, tomando sua posição como filha e como mãe.

3 “I can fly / But I want his wings / I can shine even in the darkness / But I crave the light that he brings / [...] / I can love / But I need his heart / [...] / My Angel Gabriel”.

A pesquisadora e doutora em Estudos Interamericanos Alexia Schemien observa o significativo nome da narradora: “Seu primeiro nome (Regina, a rainha, a deusa-mãe) já prenuncia o seu papel no romance. Ela combina, por um lado, a virgindade e, por outro, a maternidade e o amor cuidadoso” (SCHEMIEN, 2013, p. 6).⁴ Apesar de Regina ter sido casada, os dois ainda eram bem jovens e queriam esperar o casamento na igreja antes do sexo – o que evidencia a influência da religião católica no comportamento da comunidade chicana. Contudo, o marido foi enviado para a guerra do Vietnã no dia seguinte ao casamento civil, e assim Regina permaneceu virgem e sozinha desde então. Apesar de não ter sido mãe biológica, sua relação com seu sobrinho Gabo é tal como entre mãe e filho.

Regina comenta sobre seu sugestivo nome, revelando que possui um nome composto: “Apenas o dia da minha santa era guardado . Por guardado , quero dizer que eu tinha de ir à missa. [...] Não guardávamos meu primeiro nome, Regina, que é a Rainha do Céu. Apenas meu segundo nome, Ana. Santa Ana – padroeira das mães tardias”⁵ (CASTILLO, 2007, p. 152). Assim, seu segundo nome revela a

4 “Her first name (Regina, the queen, the mother goddess) already foreshadows her role in the novel. She combines virginity on the one hand with motherhood and caring love on the other”.

5 “Only my saint’s day was observed. By observed, I mean I had to go to Mass. [...] We didn’t observe my first name, Regina, who is the Queen of Heaven. Just my second name, Ana. Saint Anne – patroness of late-in-life mothers”.

questão que de certa forma trata da sua atual relação com seu sobrinho, atuando como sua mãe já após os cinquenta anos de idade. Contudo, seu primeiro nome – Regina – não era considerado, justamente aquele que significa “rainha” e que a conecta com Nossa Senhora, que na cultura chicana é Nossa Senhora de Guadalupe, mais popularmente chamada de Virgem de Guadalupe. Ela é um dos símbolos mais estreitamente ligados à cultura mexicana, e por consequência, também à cultura e religiosidade chicana, sendo uma santa mestiça e padroeira do México e da América Latina. Assim, “Regina pode ser entendida como uma Virgem de Guadalupe mundana e Gabo se torna o seu filho celestial”⁶ (SCHEMIEN, 2013, p. 9).

É nítida a conexão da personagem com Guadalupe, que além do vínculo com o catolicismo, possui também uma ligação com as divindades astecas de Tonantzin e Coatlicue, cultuadas como deusas-mães no mesmo local onde se diz ter havido a sua primeira aparição, na colina de Tepeyac, próxima à Cidade do México. De acordo com a pesquisadora María Antonia Álvarez, “a figura da Virgem de Guadalupe apareceu em 1531 a um índio no local de um antigo santuário dedicado a Tonantzin, a deusa asteca que mais se assemelhava ao

6 “Regina can be understood as a worldly Virgen de Guadalupe, Gabo becomes her heavenly son”.

conceito cristão da Mãe de Deus” (ÁLVAREZ, 2008, p. 119).⁷ Porém, a Virgem de Guadalupe possui um caráter ambíguo, como observa a professora de Estudos Chicanos Theresa Delgadillo: “Historicamente, Nossa Senhora de Guadalupe tem sido utilizada a serviço tanto da acomodação, ou seja, para conquistar índios convertidos à Igreja, quanto da rebelião, para simbolizar o nacionalismo mexicano contra o domínio espanhol [...]” (DELGADILLO, 1998, p. 898).⁸ Por um lado, ela é um símbolo da colonização espanhola, que impôs o catolicismo europeu aos povos nativos, tendo sido a religião católica uma das maiores forças no estabelecimento do sistema colonial. Por outro, ela é também uma ligação com deidades indígenas.

Deste modo, essa potente imagem possui também seus questionamentos, como coloca ainda Álvarez: “Para as feministas chicanas, a onipresença da Virgem incita sentimentos ambivalentes. Algumas, independentemente da religiosidade, a aceitam como uma presença guardiã, como Mãe; outras a consideram a virgem que aparece no

7 “The figure of the Virgin of Guadalupe appeared in 1531 to an Indian, on the site of a former shrine dedicated to Tonantzin, the Aztec goddess who most resembled the Christian concept of the Mother of God”.

8 “Historically, Our Lady of Guadalupe has been deployed in the service of both accommodation, that is, to win Indian converts to the Church, and rebellion, to symbolize Mexican nationalism against Spanish domination [...]”.

binário virgem/prostituta” (2008, p. 121).⁹ Como afirma a professora Tey Diana Rebolledo (1995, p. 52-53), a virgem católica é frequentemente representada como uma figura unidimensional, sendo uma imagem de pureza, da mãe que não tem pecados e que possui apenas aspectos benéficos nutridores, de cuidado e proteção, representando desta forma somente características positivas para as mulheres, além de possibilitar a visão de ser uma figura um tanto passiva criada pelo patriarcado. Ela seria assim a imagem de um ideal feminino inatingível, um modelo impossível de ser seguido pelas mulheres comuns: “[...] ela é a Mãe a ser imitada, o modelo a ser seguido, em que a feminilidade chicana deve reproduzir e aplicar esses mesmos valores para servir seus maridos e filhos”¹⁰ (ÁLVAREZ, 2008, p. 124).

Porém, o que tem ocorrido na literatura feminina chicana é um revisionismo de sua simbologia, recuperando a sua conexão mais original com aspectos nativos e valorizando especialmente sua característica como mulher e mestiça. Assim, como bem aponta Álvarez (2008, p. 121-122), a Virgem de Guadalupe é um símbolo no qual o catolicismo espanhol se combina com sistemas de crenças indígenas

9 “For Chicana feminists, the Virgin’s omnipresence incites feelings of ambivalence. Some, regardless of religiosity, accept her as a guardian presence, as a Mother; others consider her to be the virgin who appears in the binary of virgin/whore”.

10 “[...] she is the Mother to imitate, the role model which Chicana womanhood should emulate and apply these same values to serving their husbands and children”.

em divindades femininas, sendo uma fusão das culturas espanhola (Virgem Maria católica) e indígena (Tonantzin). Tal como afirma a pesquisadora Sarah Ramirez: “Embora haja divergências, Guadalupe-Tonantzin continua sendo um símbolo da consciência chicana e da realidade social, espiritual e política chicana, bem como um símbolo de justiça, empoderamento e esperança na luta pela sobrevivência” (RAMIREZ, 2002, p. 233).¹¹

Além disso, Guadalupe é inevitavelmente uma santa ligada à fronteira: “[...] uma leitura fronteira da Virgem a apresenta como uma deusa que atravessa a fronteira por direito próprio”¹² (ÁLVAREZ, 2008, p. 120). Ao ser adotada pelos chicanos, fica ainda mais evidente sua conexão com a divisa México-Estados Unidos: “[...] a Virgem de Guadalupe é a única divindade cuja especificidade é a de estar na fronteira, assim como o povo chicano, e por isso ela é considerada sua protetora”¹³ (GHIBAN, 2012, p. 13). Nesse cruzamento, seu papel de mediadora fica evidenciado: “[...] a posição da Virgem de Guadalupe como uma mediadora

11 “Though there are disagreements, Guadalupe-Tonantzín remains a symbol of both Chicana/o consciousness and the social, spiritual, and political Chicana/o reality, as well as a symbol of justice, empowerment, and hope in the struggle to survive”.

12 “[...] a borderland reading of the Virgin presents her as a border-crossing goddess in her own right”.

13 “[...] the Virgin of Guadalupe is the only deity whose specificity is that of being on the borderlands, just like the Chicano people, so that is why she is considered their protector”.

cultural é muito importante e a onipresença e força de sua figura nas culturas mexicana e chicana é indiscutível, pois fornece um elo entre o passado mexicano e o presente estadunidense” (ÁLVAREZ, 2008, p. 131-132). Além disso, as pensadoras chicanas reivindicam para a Virgem um papel de mediadora não apenas cultural, mas também de gênero, raça e história (2008, p. 132). Poks traz essa característica da santa para a personagem de Castillo: “Como seu nome sugere, Regina é a rainha e deusa da fronteira mexicana” (2017, p. 103).¹⁴ Deste modo, seu nome, Regina Ana, é de grande importância para a personagem e tudo o que ela simboliza no romance, evidenciando sua característica maternal e mediadora.

Tanto Regina como Gabo vivem momentos de angústia e medo com o desaparecimento de Rafa, e além dele, outra “ausência presente” na obra é da falecida mãe de Regina, cujo nome nunca é mencionado, sendo quase sempre chamada por ela apenas como “mamá”. Regina possui uma faceta materna apesar de nunca ter tido filhos biológicos, contudo demonstra ter vivido uma relação difícil com sua própria mãe. Como afirma a professora de Estudos Chicanos e Latino-Americanos Cristina Herrera sobre essa questão em *The Guardians*: “[...] em um romance investido em

14 “As her name suggests, Regina is the queen and goddess of the Mexican borderlands”.

apresentar o lado humano da questão emocionalmente carregada e profundamente divisória da imigração, o que também prevalece logo no início do texto é a preocupação de Regina com sua falecida mãe [...]” (HERRERA, 2014, p. 146).¹⁵ Deste modo, apesar de atuar como guardiã e figura materna para Gabo ao longo do romance, fica nítido como Regina se coloca frequentemente como filha atormentada por uma mãe morta há tempos.

Logo no início da obra, Regina menciona sua mãe pela primeira vez após recordar que costumava trocar as fraldas de Gabo quando era bebê, e que agora que ele estava com quinze anos e morando com ela, fica envergonhado em ser visto de cueca. Regina diz que também fica constrangida em ser vista com suas roupas de baixo, e que após trinta anos como viúva, ela se veste por conforto, e então menciona como sua mãe criticava seu luto e seu falecido marido Junior: “Pare com todo esse luto [...] Você só estava casada há seis meses. O cara era viciado em drogas, por Deus!”¹⁶ (CASTILLO, 2007, p. 3). Essa menção à sua mãe tão cedo no texto já revela o quanto a figura materna é significativa para a personagem: “[...] Regina menciona sua

15 “[...] in a novel invested in presenting the human side of the emotionally charged and deeply divisive issue of immigration, what is also prevalent early in the text is Regina’s preoccupation with her long-dead mother [...]”

16 “Stop all this mourning [...] You were only married six months. The guy was a drug addict, por Dios!”

mãe nas duas primeiras páginas do romance, antes mesmo de se referir à espera pelo retorno de Rafa”¹⁷ (HERRERA, 2014, p. 158).

A narradora diz não saber sobre qualquer envolvimento de Junior com drogas, e comenta como sua mãe costumava agir: “Mamá sempre tinha um jeito de mudar as coisas para mim, de vê-las da pior forma possível. Provavelmente não é uma coisa legal dizer que você está feliz por sua mãe estar morta. Mas eu estou feliz por ela não estar por perto”¹⁸ (CASTILLO, 2007, p. 3-4). Regina deixa claro o seu alívio por não ter que conviver mais com a mãe, porém isso é paradoxal, uma vez que a constância com que pensa na mãe mostra o quanto a figura materna ainda a influencia: “Regina está bastante consciente das expectativas culturais que exigem reverência por sua falecida mãe, mas na verdade o que ela sente é temor de sua mãe e até mesmo uma sensação de alívio por ela estar morta”¹⁹ (HERRERA, 2014, p. 159).

Em outro momento, Regina comenta que sua mãe costumava lhe dar uma bofetada quando ela estava

17 “[...] Regina mentions her mother within the first two pages of the novel, even before referring to their wait for Rafa’s return”.

18 “Mamá always had a way of turning things around for me, to see them in the worst light possible. It’s probably not a nice thing to say you are glad your mother’s dead. But I am glad she’s not around”.

19 “[...] Regina is all too aware of cultural expectations that demand reverence for her dead mother, but in fact what she feels is dread for her mother and even a sense of relief that she is dead”.

sonhando acordada, indicando a rigidez e agressividade de seu comportamento. Em seguida, conta que Gabo havia encontrado um falcão morto, dizendo que seu pescoço estava quebrado, mas que de outra forma ele poderia parecer estar apenas dormindo, como geralmente dizem a respeito das pessoas quando estão em seus caixões, lembrando-se então de sua mãe morta: “Exceto Mamá. O agente funerário tinha pintado um batom laranja tão brilhante e um pó claro demais para sua pele que ela parecia morta com certeza”²⁰ (CASTILLO, 2007, p. 9). Na observação de Herrera (2014, p. 155), a mãe morta, tal como aparece em escritos de mulheres, é uma figura a ser combatida e descartada se a filha quiser ter alguma chance de construir sua própria vida de forma significativa. E é contra isso que Regina parece se debater, mostrando ao mesmo tempo sentir atração e repulsa por sua mãe.

Regina lembra-se de que sua mãe foi trabalhar como cozinheira aos quinze anos de idade em um rancho de propriedade de Metatron, cujo filho viria a se envolver com ela, repetindo o velho clichê do jovem filho do patrão que se relaciona com a jovem criada. Eles, porém, tiveram três filhos – Regina, Rafa e Gabriel, que tinham uma vida mais ou

20 “Except for Mamá. The mortician had painted on such bright orange lipstick and powder too light for her complexion she looked dead for sure”.

menos confortável no rancho até que, por uma fatalidade, o pai de Regina e seu irmão Gabriel foram mortos por um touro, o que resultou na expulsão de Regina, sua mãe e seu irmão Rafa por Metatron, que tiveram então que sair do rancho e procurar por outra forma de sobrevivência. Fica claro como a mãe de Regina teve uma vida bastante difícil, enfrentando diversos fatores que certamente se tornaram grandes obstáculos em sua vida. É possível notar questões de raça, gênero e classe, sendo indígena, mulher e pobre. A partir dessas condições, pode-se indagar qual teria sido sua autonomia em relação à própria maternidade – o que, pela época e todos os fatores mencionados, é provável que tenha sido quase nula ou nenhuma. Não é possível saber que tipo de relação ela teve com o pai de seus filhos, pois Regina não conta praticamente nada sobre seu pai.

Fato é que sua mãe ainda exerce grande poder sobre Regina, que em diversos momentos, mesmo que corriqueiros, traz sua imagem e opiniões: “[...] o texto está fortemente carregado com a relação de Regina com uma mãe morta, que continua a influenciar as escolhas de vida da filha”²¹ (HERRERA, 2014, p. 147). Em uma dessas ocasiões, Regina comenta que contou sobre seu interesse

21 “[...] the text is heavily laden with Regina’s relationship with a dead mother, who continues to influence the daughter’s life choices”.

em Miguel para sua amiga Uriel, que o achou um ótimo pretendente, o que a faz lembrar-se de como sua mãe não gostava que ela tivesse amigas: “Minha amiga me deixou toda nervosa, pensando em Miguel como meu bem. É por isso que mamãe não gostava que eu tivesse amigas, que, na opinião dela, eram más influências e loucas por garotos. *Chifladas*, ela as chamava”²² (CASTILLO, 2007, p. 51, grifo nosso). “Chifladas”, em espanhol, poderia ser traduzido por “fanáticas” ou “maníacas”, termo que se refere a alguém que perdeu o juízo, especialmente por ter se apaixonado muito, tendo suas faculdades mentais perturbadas. Assim, “Regina só pode descrever sua mãe como morta mas poderosa, demonstrando o domínio que a mãe ainda exerce sobre ela”²³ (HERRERA, 2014, p. 148).

Como guardiã de Gabo, Regina vê com admiração suas qualidades, mas ao mesmo tempo, está ciente de que não é fácil lidar com um adolescente e que este convívio pode ser um desafio, mas sabe que a ansiedade que sente não vem apenas disto: “No que diz respeito aos adolescentes, pelo que ouço na escola e dos pais dos alunos, Gabo poderia me deixar muito pior dos nervos. Não é por isso que

22 “My amiga got me all worked up, thinking of el Miguel as a honey. That’s why Mamá didn’t like me having girlfriends, who, in her opinion, were bad influences and boy-crazy. Chifladas, she called them”.

23 “Regina can only describe her mother as dead yet powerful, demonstrating the tight hold the mother still has over her”.

estou tão ansiosa o tempo todo – tendo um adolescente para cuidar agora”²⁴ (CASTILLO, 2007, p. 11). Ela comenta outras razões que fazem aumentar a sua ansiedade, sendo uma delas a menopausa, a que denomina “a Mudança”: “Nem sequer fazia parte da Mudança, como me disse o médico de Juárez no ano passado. A ansiedade é apenas parte de mim. [...] Ser uma mulher de mais de cinquenta anos sozinha por tanto tempo, viúva há trinta anos, isso poderia ser causa suficiente”²⁵ (CASTILLO, 2007, p. 11). Entretanto, ela deixa claro em seguida que a maior causa de sua ansiedade é a questão financeira, uma vez que seu salário mal paga suas contas.

Aos cinquenta anos, Regina sente as mudanças trazidas pelo processo de envelhecimento, o que afeta sua autoestima. Ela sente atração por Miguel, mas sendo ele mais jovem, ela se sente insegura e demonstra a forte influência de sua mãe até mesmo em relação à sua autoimagem, quando fica em dúvida sobre que roupa vestir para encontrar com Miguel e decide pela que mais esconde seu corpo: “Minha mãe sempre dizia que quanto

24 “As far as teenagers go, from what I hear at the school and from the students’ parents, Gabo could get a lot worse on my nerves. This is not why I am so anxious all the time – having a teenager to look out for now”.

25 “It was not even part of the Change, like the doctor down in Juárez told me last year. The anxiety is just part of me. [...] Being a fifty-plus-year-old woman alone for so long, widowed thirty years, that could be cause enough”.

mais velha uma mulher fica, mais ela tem que se cobrir”²⁶ (CASTILLO, 2007, p. 107). A narradora chega até mesmo a revelar em certo momento que usa o roupão velho de sua mãe, mostrando que simultaneamente rejeita e imita seu comportamento e adere aos seus gostos e opiniões. Regina admite que sua mãe continua influenciando sua vida no presente: “Eu ainda olho por cima do meu ombro de vez em quando como se minha mãe fosse aparecer do nada e começar a reclamar ou me criticar”²⁷ (2007, p. 78). Como afirma Herrera: “[...] a mãe morta não está realmente morta ou não permanece morta; ela é uma força que Regina deve enfrentar, mesmo no presente [...]” (2014, p. 148).²⁸

Em outro momento, a personagem chega até mesmo a associar o comportamento dominador de Miguel a aspectos de sua mãe: “O engraçado é que, quando percebi que Miguel estava me lembrando da minha mãe mandona, algo dentro de mim clicou [...]. Isso começou a acontecer desde que fiz cinquenta anos, ‘o grande cinco ponto zero’ [...]”²⁹ (CASTILLO, 2007, p. 78). Ela então admite que passou

26 “My mother had always said that the older a woman got, the more she had to cover up”.

27 “Still, I look over my shoulder now and then like my mother is going to come out of nowhere and start on me”.

28 “[...] the dead mother is not really dead or does not remain dead; she is a force Regina must contend with even in the present [...]”

29 “The funny thing is, when I realized Miguel was reminding me of my bossy mother, something inside clicked [...]. It started happening since turning fifty ‘The Big Five-oh’ [...]”

a se tornar mais consciente da forte influência materna em sua vida somente após chegar à maturidade, mas ela mesma não enxerga este aspecto do amadurecimento – de adquirir maior sabedoria – mas apenas a perda de atributos físicos. Entretanto, “a admissão de Regina de que ela tem problemas pouco serve para lidar com o controle que sua mãe ainda tem sobre sua vida e o potencial destrutivo que isso representa para suas próprias possibilidades de felicidade e empoderamento”³⁰ (HERRERA, 2014, p. 161).

Sendo Miguel um homem divorciado, mas com dois filhos de seu casamento, Regina sente como se ele ainda estivesse comprometido, e lembra de sua mãe alertando sobre homens casados, que assediam outras mulheres: “Toda minha vida minha mãe tinha me advertido sobre homens casados. Eles estavam por toda parte [...] Todos grandes mentirosos. [...] E ela estava certa, como sempre. Esse era o problema com a minha mãe. Ela achava que estava sempre certa e estava”³¹ (CASTILLO, 2007, p. 67-68). Como observa Herrera: “O poder da mãe sobre a filha não termina com a morte [...] E é esse poder materno, mesmo além do túmulo,

30 “Regina’s admission that she has issues does little to address the control her mother still holds over her life and the destructive potential this poses to Regina’s own possibilities for happiness and empowerment”.

31 “All my life my mother had warned me about married men. They were everywhere [...] Todos big liars. [...] And she was right, like always. That was the problem with my mamá. She thought she was always right and she was”.

que potencialmente aprisiona as filhas em ciclos destrutivos de dúvidas sobre si mesmas” (2014, p. 155).³²

É interessante notar que as personagens mães são geralmente relacionadas com reclamações e infelicidade – além da mãe de Regina, também a falecida mãe de Gabo. Ele relembra: “Minha pobre mãe; ela nunca estava feliz. Quem poderia estar, trabalhando na colheita como nós, arrancando tomates, alcachofras, algodão, uvas [...]”³³ (CASTILLO, 2007, p. 19). Mais adiante, ele traz novamente a fala de sua mãe: “Minha mãe reclamava de tudo. Então ela me dizia: ‘É por isso que você tem que ir para a escola, meu filho. Assim você não acaba vivendo a vida de uma mula, como sua mãe’”³⁴ (2007, p. 39). É nítido que essas insatisfações têm relação direta com a vida que essas mulheres tinham, tendo de lutar para sobreviver e se submetendo a trabalhos exaustivos.

Neste momento, faz-se importante trazer os conceitos de maternidade e maternagem abordados por Adrienne Rich em seu pioneiro livro *Of Woman Born*, originalmente publicado

32 “The mother’s power over her daughter does not end with death [...] And it is this maternal power even beyond the grave that potentially imprisons daughters in destructive cycles of self-doubt.”

33 “My poor mother; she was never happy. Who could have been, working in la pisca like we did, pulling up tomatoes, artichokes, cotton, grapes [...]”.

34 “My mother complained about everything. So she would say to me, ‘This is why you have to go to school, mi’jito. So you don’t end up living the life of a burra, like your mamá’”.

em 1976. Como explica a professora de Estudos Feministas Andrea O'Reilly (2004, p. 159), maternidade (*motherhood*) é a instituição da maternidade, ou seja, um local de opressão definido pelo homem, enquanto maternagem (*mothering*) é uma experiência não patriarcal da maternidade, podendo ser uma fonte de poder. Contudo, a maioria das mulheres não exerce a maternagem, através da qual possam experienciar o papel de mãe como uma fonte de poder, mas como mais uma forma de opressão e controle de seus corpos e de suas vidas: “Através das culturas e ao longo da história, a maioria das mulheres [...] são mães dentro da instituição da maternidade; ou seja, a maternagem das mulheres é definida e controlada pela sociedade patriarcal mais ampla em que elas vivem”³⁵ (O'REILLY, 2004, p. 161). Esta visão é corroborada por Rich (1986, p. 243), quando afirma que, em uma sociedade patriarcal, o poder das mães é muito restrito, e é por meio delas que o patriarcado desde cedo ensina à pequena mulher a ter expectativas adequadas.

A exemplo das mães de Regina e de Gabo, é possível supor que aquelas mulheres não puderam exercer a maternidade de forma empoderadora, mas de modo geral como mais um fardo a ser carregado, tendo de trabalhar

35 “Across cultures and throughout history most women [...] mother in the institution of motherhood; that is, women’s mothering is defined and controlled by the larger patriarchal society in which they live”.

ainda mais para sustentar a si e a seus filhos. Rich (1986, p. 245) comenta que quando uma mulher tem que trabalhar muito para sobreviver, nenhuma energia materna permanece no final do dia, resultando em um estado de entorpecimento e cansaço; contudo, a criança não tem condições de perceber o sistema social ou a instituição da maternidade, e o que ela observa é apenas uma voz áspera, um par de olhos embotados, uma mãe que não a abraça e não lhe diz como ela é maravilhosa. Isso gera uma profunda marca, especialmente na filha mulher, como percebemos na personagem Regina, apesar de ela saber das difíceis condições da mãe, tendo inclusive trabalhado desde cedo a seu lado, tal como Gabo e sua mãe. Gabo, porém, parece ter sido, de certa forma, mais poupado, já que ele tinha a possibilidade de ficar com Regina de tempos em tempos, enquanto seus pais iam trabalhar.

Gabo lembra-se de quando sua tia o chamou de “meu filho” pela primeira vez, ficando emocionado: “Foi a primeira vez que ela me chamou de ‘filho’. Não deveria ser grande coisa para que eu notasse – até os professores da escola me chamavam de ‘mi’jo’ – mas de repente me senti hipersensível”³⁶ (CASTILLO, 2007, p. 20, grifo nosso).

36 “It was the first time she called me ‘her son.’ It should not have been a big deal so that I noticed – even teachers at school called me ‘mi’jo’ – but suddenly I felt hypersensitive”.

Ele enaltece Regina, dizendo que ela é uma mulher boa e simples, e que sabe que ela é uma viúva virgem. Gabo também se mostra ciente da solidão de sua tia e fica preocupado com ela, sabendo que não tem ninguém da família por perto e que sua única amiga não é muito presente: “Às vezes, sinto a solidão da minha tia como um leão feroz vindo lentamente em nossa direção, de muito longe. Um dia terei que deixá-la e então quem ela terá? Todo mundo precisa de família”³⁷ (CASTILLO, 2007, p. 43). A própria Regina admite se isolar: “Meu sobrinho estava certo. Eu me mantive muito isolada”³⁸ (2007, p. 138). Porém, esse isolamento se mostra mais uma influência de sua mãe, como a personagem revela: “Exceto por Uriel, eu nunca tive nenhum amigo. Mamãe sempre disse que não tínhamos tempo para eles. [...] Mexicanos precisavam trabalhar, mamãe sempre falava”³⁹ (CASTILLO, 2007, p. 137).

É notável como a mãe de Regina colocava sobre a filha os mesmos limites que enfrentava, sendo ambas mulheres pobres, além de sujeitos diaspóricos naquele contexto. Isso mostra como sua mãe não possibilitou que Regina

37 “Sometimes I feel my aunt’s loneliness like un león feroz slowly coming toward us from far away. One day I’ll have to leave her and then who will she have? Everyone needs familia”.

38 “My nephew was right. I kept myself too isolated”.

39 “Except for Uriel, I never had any friends. Mamá always said we didn’t have time for them. [...] Mejjicanos needed to work, Mamá always said”.

vislumbrasse uma alternativa de vida mais plena, ao se colocar como vítima e influenciar as escolhas da filha. Trazendo novamente a reflexão de Rich: “A coisa mais importante que uma mulher pode fazer por outra é iluminar e expandir seu senso de possibilidades reais. [...] Isso significa que a própria mãe está tentando expandir os limites da vida dela. *Recusar-se a ser uma vítima*: e então continuar a partir daí” (RICH, 1986, p. 246, grifo da autora).⁴⁰ Isso não foi possível para a mãe de Regina, o que deixou uma profunda marca na filha, mesmo em sua maturidade.

Em certo momento, Miguel conversa com Regina sobre a possibilidade de ela adotar Gabo legalmente, podendo assim colocar seus papéis em ordem e possibilitar que ele fique nos Estados Unidos para estudar. Regina então comenta: “Eu sabia que, como guardião de Gabo, provavelmente poderia tentar adotá-lo e, se o fizesse, ele não teria que voltar para o México. Mas o que Miguel estava deixando de fora era o fato de que não sabíamos se meu irmão voltaria ou não para buscá-lo”⁴¹ (CASTILLO, 2007, p. 27). Mais adiante, Regina reflete sobre as notáveis mudanças de Gabo, que além de

40 “The most important thing one woman can do for another is to illuminate and expand her sense of actual possibilities. [...] It means that the mother herself is trying to expand the limits of her life. *To refuse to be a victim*: and then to go on from there”.

41 “I knew that as Gabo’s guardian, I could probably try to adopt him and if I did, he wouldn’t have to go back to México. But what Miguel was leaving out was the fact that we didn’t know whether or not mi hermano was coming back for him”.

transformações físicas, como na voz, também mostrava grandes alterações em seu comportamento: “[...] Eu tinha de admitir que ele não era o mesmo garoto de seis meses atrás, quando meu irmão o deixou comigo. [...] Toda a sua inocência escorria dele um pouco a cada dia e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir”⁴² (CASTILLO, 2007, p. 50).

Regina mostra que sabe que as mudanças de Gabo se devem não somente ao período da adolescência, mas principalmente a todo o sofrimento que ele tem passado, perdendo aos poucos sua família, ao comentar: “Aos dezesseis anos, meu Gabo adquiriu a má sorte que acompanha cada membro de nossa família. Então, meu sobrinho se agarra a Deus para obter as respostas”⁴³ (CASTILLO, 2007, p. 97). Ela menciona mais algumas mudanças que observa em Gabo: “[...] ele não me deixava mais ver seus trabalhos escolares. Ele não queria nem que eu perguntasse sobre isso. No ano anterior, ele sempre voltava para casa e me mostrava suas notas. Ele era um estudante de honra. Agora ele sequer mencionava suas aulas”⁴⁴ (2007, p. 161). Na verdade, Gabo

42 “[...] I had to admit he was not the same boy he had been six months before, when my brother left him with me. [...] All his innocence was oozing out of him a little every day and there was nothing I could do to stop it”.

43 “At sixteen, my Gabo’s got the bad luck that follows each member of our familia. So my nephew grabs on to God for the answers”.

44 “[...] he didn’t let me see his schoolwork no more. He didn’t even like me to ask about it. The year before he’d always come home and show me his grades. He was an honor student. Now he didn’t even mention his classes”.

sequer conversa mais com sua tia, como ela diz: “Gabo costumava ser melhor ouvinte do que falante, e agora ele não era nem um nem outro”⁴⁵ (CASTILLO, 2007, p. 162).

Como mais um exemplo da mudança de Gabo, Regina lembra-se de um dia em que ele perguntou a ela, em tom desafiador: “O que você quer que eu faça com meu futuro, tia Regina? Casar e ter filhos para dar continuidade ao nome da família... ou o quê?”⁴⁶ (CASTILLO, 2007, p. 58). Ao que ela reflete: “Fiquei enfurecida que meu sobrinho pensasse que tudo o que eu queria dele seria produzir um herdeiro. Por quê? Para dar continuidade ao nome de Metatron, que tinha nos deserdado?”⁴⁷ (2007, p. 58). Porém, apesar de Regina ter ficado indignada com o questionamento de Gabo, sua reação foi de beijar sua testa, demonstrando o intuito de acabar com o padrão de maternidade opressiva e rígida que recebeu de sua mãe (HERRERA, 2014, p. 167). Neste momento, Regina mostra que ela e Gabo utilizam um vocabulário próprio, criado por eles, misturando as línguas inglesa e espanhola e dando um sentido de hibridismo para a identidade chicana: “Colocando minhas mãos firmemente contra suas têmporas, trouxe sua

45 “Gabo used to be a better listener than a talker and now he wasn’t neither.”

46 “What do you want me to do with my future, Tía Regina? Get married and have kids to carry on the family name... ¿o qué?”

47 “It infuriated me that my sobrino thought that all I would want from him would be to produce an heir. Why? To carry on the name of Metatron, who had disinherited us?”

cabezahead para dar um beijo em sua testa cheia de espinhas. *Cabezahead* é uma de nossas palavras inventadas. De Gabo e minhas. Um vocabulário híbrido para um povo híbrido”⁴⁸ (CASTILLO, 2007, p. 58).

O hibridismo de Regina e Gabo é ressaltado ainda pela aparência de ambos, quando Regina comenta sobre seu sobrinho: “É cabelo de índio, como o da minha mãe, mas ruivo, como o meu e do meu pai”⁴⁹ (2007, p. 98). A narradora revela ainda que pode até mesmo se passar por estadunidense, como quando saiu em busca de alguma informação sobre Rafa, e se dirigiu a um trabalhador colhendo algodão: “Talvez ele achasse que eu mesma era uma patroa à procura de gente para trabalhar para mim. [...] O homem parecia um pouco surpreso que uma mulher com a minha aparência, praticamente uma gringa, teria um irmão em tal situação”⁵⁰ (2007, p. 115). Fica nítido, assim, que Regina possui raízes indígenas por parte de mãe e provavelmente ascendência europeia pelo lado paterno. Ela indica ainda com mais detalhes suas origens maternas: “Minha mãe aprendeu a

48 “Placing my hands tight against his temples I brought his *cabezahead* down to plant a kiss on his pimply forehead. *Cabezahead* is one of our made-up words. Gabo’s and mine. A hybrid vocabulary for a hybrid people”.

49 “It’s indio hair, like my mother’s but red, like mine and my papá’s”.

50 “Maybe he thought I was a patrona myself and looking for gente to work for me. [...] The man seemed a little surprised that a woman who looked like me, practically a gringa, would have un hermano in such a situation”.

falar inglês muito bem. Mais rápido do que eu. Talvez não fosse perfeito, mas com certeza ela podia se defender. Sua primeira língua era o rarámuri. Mas Metatron arrancou isso dela”⁵¹ (CASTILLO, 2007, p. 159).

É interessante notar como o relacionamento entre sua mãe e seu avô paterno reflete uma relação entre dominado e dominador, colonizado e colonizador, uma vez que ele era seu patrão e conseguiu tirar dela inclusive uma parte importante de sua cultura, a sua língua materna. Regina comenta ainda sobre o local de nascimento de sua mãe e de como ela queria conseguir partir para outro lugar: “Minha mãe nasceu em La Barranca. Ela passou a vida tentando sair de lá. Eu não nasci no Cânion do Cobre como ela. Mas eu existo em um tipo diferente de cânion”⁵² (CASTILLO, 2007, p. 180). A região mencionada de fato existe, conhecida como Barrancas del Cobre, localizada na Serra Tarahumara no estado mexicano de Chihuahua. Regina reflete sobre a área e as condições de onde vive, nos Estados Unidos, revelando seu desejo de servir como auxílio para dar um futuro melhor a Gabo: “Tenho certeza de que nem todos neste cânion estão condenados a ficar por aqui, sem saída por toda a

51 “My mother learned to speak English pretty good. Faster than me. Maybe it wasn’t perfect but she could sure defend herself. Her first language was Rarámuri. Pero Metatron knocked that out of her”.

52 “My mamá was born in La Barranca. She spent her life trying to get out. I wasn’t born in the Copper Canyon like her. But I exist in a different kind of canyon”.

vida. Eu estava decidida a fazer com que meu Gabo saísse. Se coloque nos meus ombros, eu diria para meu sobrinho. Na minha *cabezahead*, se for preciso”⁵³ (CASTILLO, 2007, p. 180-181, grifo nosso).

Regina lembra de como Gabo teve que aguentar a vida toda suas ervas e chás, lembrando de quando ele era um bebê de 3 meses e sofria de cólicas, dizendo então que sua mãe havia acabado de falecer e não sabia para quem perguntar sobre bebês. Assim, é possível apreender que a mãe de Regina faleceu há cerca de 15 anos, e mesmo assim continua tendo grande poder sobre seus costumes e pensamentos. Como aponta Herrera (2014, p. 160), o hábito contínuo de Regina trazer sua mãe para o texto a torna presente em sua vida, sugerindo sua incapacidade ou relutância em deixá-la morta e no passado. Considerando ainda o fato de nunca mencionar seu nome, isso faz com que essa mãe seja vista não apenas como um indivíduo, mas como uma entidade, e neste caso, bastante onipresente. Um dos momentos em que isso fica mais evidente é no dia do aniversário de Regina, quando os três homens com quem agora convive – Gabo, Miguel e Milton – a levam para celebrar em uma “charreada”, que ela explica ser um

53 “I am sure not everyone in this canyon is condemned to stay down here with no way out his whole life. I was determined to see that my Gabo got out. Stand on my shoulders, I’d say to mi sobrinho. On my cabezahead, if you have to”.

rodeio de estilo mexicano, dizendo ter sido o melhor dia de sua vida. Regina reflete que não sabe sequer como reagir a um momento feliz como este:

Mamãe estava certa. Sempre fui um pouco louca. Louco, eu diria agora, seria não reconhecer um momento feliz, mesmo que ele me batesse na cara. O que havia de errado em se sentir feliz, mesmo que só de vez em quando? Não sei. Quando você cresce ouvindo que sorrir é demais, assim como dizem para você não chorar, você não sabe o que fazer. Então você fica parado, como uma estátua com um pombo na cabeça. É por isso que eu não sabia como reagir ao mais lindo dia de meu santo que já tive.⁵⁴ (CASTILLO, 2007, p. 152)

Neste dia, Regina evidencia todo o seu amor por Gabo, exaltando seu orgulho ao vê-lo no centro da arena, cantando de olhos fechados: “[...] ele hipnotizou a multidão. Algo quase impossível para os mexicanos em um rodeio. Mas ele fez isso, *mi’jo*, com tanta ressonância – uma boa palavra. Uma palavra perfeita para uma voz perfeita. Não era apenas a minha opinião. Todo mundo ficou fascinado”⁵⁵ (CASTILLO, 2007, p. 155, grifo nosso). Neste momento, chamando Gabo

54 “Mamá was right. I always was a little bit loca. Crazy, I’d say now, is not knowing a happy moment even if it bopped me on the head. What was wrong with feeling feliz, even if just now and then? I don’t know. When you grow up being told smiling is too much, just like you are told not to cry, you don’t know what to do. So you stay still, like a statue with a pigeon on its head. That is why I didn’t know how to react on the most beautiful día de mi santo that I’ve ever had”.

55 “[...] he had the crowd mesmerized. Nearly impossible for Mexicans at a rodeo. But he did it, *mi’jo*, with such resonance – a good word. A perfect word for a perfect voice. It wasn’t just my opinion. Everyone was starstruck”.

de “meu filho”, ela se coloca na postura clichê de mãe coruja. Porém, ela já havia se exaltado com ele em outro momento, após ter ficado muito preocupada com sua saúde: “E em vez de abraçá-lo e dizer o quanto eu estava feliz por ele estar bem, antes que ele pudesse dizer uma palavra, comecei a gritar com ele sobre tudo o que ele tinha feito para me aborrecer ultimamente”⁵⁶ (CASTILLO, 2007, p. 121). Esta também se mostra uma postura típica de mãe, mas Regina se mostra consciente de que se exaltou e de que sabia que o que ela queria mesmo era tê-lo abraçado.

Em outro momento, Regina conta que foi até o local de trabalho de Gabo a pretexto de comprar algum item para cozinhar, mas que na verdade tinha ido até lá para checar se seu sobrinho estava mesmo trabalhando, preocupada por ele estar sendo influenciado pelas amizades com membros de uma gangue, comentando em seguida: “O trabalho de uma mãe (mesmo de uma substituta como eu) nunca termina”⁵⁷ (CASTILLO, 2007, p. 121). Neste momento, “[...] Regina se identifica com sua santa como a ‘padroeira das mães tardias’, revelando sua aceitação voluntária do papel de mãe substituta de Gabo e nomeando a si mesma de

56 “And instead of hugging him and telling him how happy I was that he was all right, before he could say a word, I started yelling at him about everything that he had done to upset me lately”.

57 “The job of a mother (even a substitute one like me) never ends”.

modo consciente como mãe”⁵⁸ (HERRERA, 2014, p. 166). Em seguida, a personagem ouve do próprio Gabo que ela tem feito seu melhor como mãe: “[...] não se preocupe, minha tia. Você tem sido mais mãe para mim do que eu poderia ter pedido... mais do que eu merecia”⁵⁹ (CASTILLO, 2007, p. 173).

Regina se lembra de como sua mãe se envolvia em tudo e pertencia ao grupo de mulheres da igreja, dizendo que ela conhecia todo mundo e que metade da cidade foi ao seu funeral. Porém, afirma que sua mãe sempre saía enquanto ela ficava em casa, refletindo: “Às vezes me pergunto como teria sido minha vida se minha mãe não tivesse sido tão rígida comigo”⁶⁰ (CASTILLO, 2007, p. 159). A personagem então diz que teria feito várias coisas que não fez, como aprender a nadar, revelando ainda que teria ido em busca de seu diploma superior se não tivesse sido desencorajada por sua mãe: “Mamãe dizia que tanta escola era uma perda de tempo. Nós precisávamos trabalhar”⁶¹ (2007, p. 159).

A narradora então revela querer exercer seu papel materno em relação a seu sobrinho diferente da forma

58 “[...] Regina identifies with her saint as the ‘patroness of late- in-life mothers,’ revealing her willing acceptance of a role as Gabo’s surrogate mother and the conscious naming of herself as a mother”.

59 “[...] don’t worry, mi tía. You have been more mother to me than I could have ever asked for... more than I deserved”.

60 “Sometimes I wonder what my life would have been like if my mamá had not been so strict with me.”

61 “Mamá said so much school was a waste of time. We needed to work”.

como foi exercido por sua mãe: “Não quero emperrar meu sobrinho dessa forma. [...] Não deixá-lo sonhar porque quero que ele esteja por perto para fazer minhas vontades, porque tenho medo de ficar sozinha, porque me ressinto tanto de como minha própria vida resultou”⁶² (CASTILLO, 2007, p. 160). Assim, além de sua autoidentificação como mãe, Regina também dá a entender que sua maternidade vai contrastar fortemente com a de sua mãe, e é ao se identificar como mãe de Gabo que a personagem constrói uma forma de maternidade que lhe permite criticar as práticas maternas de sua própria mãe (HERRERA, 2014, p. 166). Regina deixa claro ver sua mãe como um exemplo a não ser seguido, pois sente os efeitos de sua influência negativa em sua própria vida, e quer ser outro tipo de mãe para Gabo. Ela expressa uma forte acusação à sua mãe, mas em seguida parece se contradizer: “Estou falando da minha mãe, não de mim. Eu não culpo ninguém por minha vida ter sido emperrada”⁶³ (CASTILLO, 2007, p. 160). Sobre essa passagem, Herrera observa: “Regina afirma que não culpa ninguém, mas sua voz narrativa irônica sugere o contrário; ela dá a entender que foi, de fato, ‘emperrada’ por sua mãe, e é esse padrão

62 “I don’t want to stymie my sobrino that way. [...] Not let him dream because I want him around to do my bidding, because I’m afraid to be left alone, because I resent so much how my own life turned out”.

63 “I’m talking about my mother, not me. I don’t blame anyone about my life being stymied”.

que ela quer desfazer sendo mãe de Gabo” (2014, p. 168).⁶⁴ Assim, apesar de ver as mudanças de Gabo, Regina busca agir com ele de modo diverso de como sua mãe agia com ela.

A narradora se coloca de forma ambígua em relação à sua mãe, pois ao mesmo tempo em que se mostra crítica sobre o modo como ela exercia sua maternidade, também dá muita voz e poder a ela. Regina revela ainda temer se tornar como ela, o que fica claro quando comenta que se sente tonta o tempo todo: “Talvez seja a minha pressão arterial. Mamãe tinha pressão alta. Ela também tinha diabetes, coração fraco, varizes, bursite... o que ela não tinha? Durante toda a vida, mamãe teve debilidades físicas”⁶⁵ (CASTILLO, 2007, p. 118). Neste momento, em que a personagem se vê em pleno processo de envelhecimento, surge o temor de se parecer com a mãe em termos de problemas de saúde: “À medida que envelheço, fico pensando que vou ficar doente com tudo, assim como minha mãe”⁶⁶ (2007, p. 118). “[...] Regina teme que sua vida acabe como a de sua mãe, uma preocupação que não só ressalta a associação de sua mãe com a morte e a decadência, mas também revela o poder da mãe morta

64 “Regina claims that she does not blame anyone, yet her ironic narrative voice suggests otherwise; she implies that she was, in fact, ‘stymied’ by her mother, and it is this pattern that she wants to undo in her mothering of Gabo”.

65 “Maybe it’s my blood pressure. Mamá had high blood pressure. She also had diabetes, a weak heart, varicose veins, bursitis... what didn’t she have? All her life Mamá had physical debilities”.

66 “As I get older I keep thinking I’m going to be sick with everything, just like mi mamá”.

sobre a filha viva”⁶⁷ (HERRERA, 2014, p. 161). Além de toda a identificação de uma filha mulher com sua mãe, ainda entram nesse amálgama outras questões além do gênero, que no caso de Regina e sua mãe estão relacionadas a outros aspectos que geram mais opressão pela hegemonia estadunidense. Como afirma Herrera (2014, p. 163), esses possíveis problemas de saúde sem dúvida resultam da realidade de que Regina compartilha o mesmo gênero, status socioeconômico e etnia que tornou sua mãe uma figura marginalizada dentro da cultura dominante dos Estados Unidos.

Regina novamente lembra de questões de saúde de sua mãe, dizendo que apesar de ser uma mulher ativa, ela ficou gorda, e que a diabetes piorou depois que ela fez regime, e ela acabou perdendo todo o peso que havia ganhado. Apesar de ter ficado feliz por um tempo, mais magra e se vestindo de forma mais ousada, sua mãe acabou tendo que ter uma perna amputada, e então Regina mais uma vez se compara a ela: “Meus pés e tornozelos têm ficado muito inchados ultimamente. Talvez eu acabe em uma cadeira de rodas como minha mãe”⁶⁸ (CASTILLO, 2007, p. 137). A obra de Castillo complexifica diversas questões, mostrando Regina

67 “[...] Regina fears that her life will turn out like her mother’s, a concern that not only underscores Mamá’s association with death and decay but also reveals the dead mother’s power over the living daughter”.

68 “My feet and ankles swell up something fierce nowadays. Maybe I’ll end up in a wheelchair like my mother”.

consciente da difícil realidade vivenciada por sua mãe e ao mesmo tempo revelando todas as árduas consequências que a personagem sofreu como filha daquela mulher, acarretando em uma rejeição de diversos aspectos maternos e um temor de que possa se tornar igual a ela, especialmente em relação a questões físicas, como uma má herança genética que a poderia deixar com todos os problemas de saúde que sua mãe enfrentou.

Assim, é pertinente trazer o conceito de matrofobia, que, como define Rich (1986, p. 235), não é o medo da mãe ou da maternidade, mas o medo da filha de se tornar como sua mãe. A teórica afirma ainda que é muito mais fácil odiar e rejeitar uma mãe por completo do que enxergar além dela, vendo as forças que agem sobre ela, e que onde uma mãe é odiada ao ponto da matrofobia, também pode haver uma profunda atração subjacente em direção a ela, um pavor de que, se a filha relaxar a guarda, se identificará com a mãe completamente. É exatamente isso o que parece ocorrer com Regina em relação a sua mãe – um grande ressentimento e raiva geralmente guardados, que se tornam simultaneamente uma repulsa e um impulso em direção a ela, fazendo-a sempre presente em sua vida mesmo depois de morta.

Trazendo novamente as reflexões de Rich (1986, p. 236), a matrofobia pode ser vista como uma divisão feminina

do eu, um desejo de libertar-se de uma vez por todas da escravidão de nossas mães, um anseio por individualidade e liberdade, uma vez que a mãe representa a vítima presente em cada mulher, ou seja, a mulher não livre, a mártir, sendo que as personalidades das filhas parecem perigosamente se confundir e sobrepor às de suas mães. Acrescentaria ainda que não apenas aspectos de personalidade, mas também traços físicos são muito acentuados, especialmente na relação entre mãe e filha mulher, sendo impossível que a descendente não se compare de alguma forma à sua progenitora, como faz Regina na obra de Castillo. De acordo com a professora e pesquisadora María Dolores Martínez Reventós (1996, p. 286), a filha é tipicamente identificada em relação à mãe como sua continuação ou duplo, e na tentativa da filha de escapar da prisão onde esta se sente cativa do desejo de sua mãe por um duplo especular, é comum que se trave uma guerra de identidade contra sua mãe, na qual o “território disputado” é, muitas vezes, seu próprio corpo. Isso fica explícito em Regina, mostrando a influência sombria da falecida mãe em sua vida, querendo se diferenciar dela mas, ao mesmo tempo, se identificando com muitas de suas características, tanto físicas como comportamentais.

Reventós (1996, p. 288) afirma que na tradição literária feminina da matrofobia, as piores mães são aquelas

que falham em dar amor e atenção adequados, com os consequentes efeitos negativos para a filha, dentre eles a falta de autoestima e o senso de exclusão da filha como resultado da falta de amor e espelhamento materno. Por outro lado, o discurso de exclusão materna da filha é representado fora da matrofobia quando essa exclusão é mostrada como um efeito de uma exclusão sociocultural mais ampla, ou seja, quando a relação privada entre mãe e filha é contextualizada dentro das circunstâncias gerais que a moldam, mostrando que o contexto social que gera a negligência materna é mais culpado do que a mãe negligente individual (REVENTÓS, 1996, p. 289-290). É possível dizer então que em *The Guardians* a relação entre mãe e filha é colocada ao mesmo tempo dentro e fora da matrofobia, não deixando de apontar os defeitos e abusos individuais maternos, mas também sinalizando todo o contexto de marginalidade e opressão vivido pela mãe, que se torna um obstáculo para uma maternagem mais consciente e afetuosa. “Para Regina, sua misteriosa mãe serve como um lembrete de suas experiências compartilhadas de pobreza e racismo e de sua incapacidade de escapar de tais formas de opressão”⁶⁹ (HERRERA, 2014, p. 158).

69 “For Regina, her mysterious mother [...] serves as a reminder of their shared experiences of poverty and racism and their inability to escape such forms of oppression”.

Além de tudo, Regina sente que era preterida pela mãe com relação a seus dois irmãos homens: “Minha mãe sempre achou que eu não tinha jeito para muita coisa. Eu sei disso. Seu filho Gabriel, sim. E o pequeno Rafael. ‘Ele poderia ter feito tanto com sua vida’”⁷⁰ (CASTILLO, 2007, p. 206). Regina sente o peso da rejeição devido ao seu gênero, o que dá a entender que sua mãe acredita que as mulheres têm naturalmente menos habilidades que os homens e menor possibilidade de realização em suas vidas. Regina prossegue, evidenciando a grande dor que sentia com a fala de sua mãe: “‘Rafa tem uma mente para a matemática. Tem uma mão boa para o desenho. Ele poderia ter feito o que quisesse... mas você, filha’, ela sempre dizia, sem terminar, e depois dava uma risadinha. Apenas o suficiente para me fazer sentir como se ela estivesse sentando sobre meu peito”⁷¹ (CASTILLO, 2007, p. 206). Essa preferência pelo filho do sexo masculino reforça a rejeição da filha, que, como sua própria mãe, está sendo excluída como mulher em uma sociedade patriarcal (REVENTÓS, 1996, p. 290). Vê-se assim que a mãe de Regina agia de forma que sua filha se sentia diminuída, como se projetasse nela sua própria dificuldade em ser uma

70 “My mamá always thought I wasn’t really cut out for much. I know that. Her son Gabriel, yeah. And little Rafael. ‘He could have done so much with his life’”.

71 “‘Rafa’s got a mind for mathematics. He’s got a good hand for drafting. He could have done anything he wanted... but you, hija,’ she always said, without finishing, and then she’d laugh a little laugh. Just enough to make me feel like she was sitting on my chest”.

mulher naquele contexto, aliando ainda ao seu gênero a sua etnia e classe social, como se não houvesse qualquer escolha diferente possível.

Um momento em que a atitude da mãe fica bastante explícita como abusiva é quando Regina comenta sobre as cartas que trocava com Junior, dizendo que sua mãe as havia tomado: “Minha mãe as havia levado. Quem mais? Era apenas o jeito dela. Ela queria me impedir de me atormentar. A aspereza era sua maneira de dizer: não espere muito da vida”⁷² (CASTILLO, 2007, p. 207). Regina acaba justificando o abuso de sua mãe, parecendo não querer reconhecer que ela não tinha o direito de fazer isso, tirando uma parte importante de seu passado, além de ela não ser mais nenhuma criança. Como observa Rich: “A ansiosa pressão de uma mulher sobre outra para se conformar a um papel degradante e desanimador dificilmente pode ser chamada de ‘maternagem’, mesmo que ela faça isso acreditando que ajudará sua filha a sobreviver” (1986, p. 245).⁷³

Rich (1986, p. 243) afirma que a mulher “sem mãe” pode reagir negando sua própria vulnerabilidade, negando que

72 “My mamá had taken them. Who else? It was just her way. She wanted to keep me from tormenting myself. The harshness was her way of saying, Don’t expect too much from life”.

73 “The anxious pressure of one female on another to conform to a degrading and dispiriting role can hardly be termed ‘mothering,’ even if she does this believing it will help her daughter to survive”.

tenha sentido qualquer perda ou ausência de maternagem, podendo passar a vida provando sua força na “maternagem” de outras pessoas, e, em certo sentido, dando aos outros o que ela mesma não teve. É interessante ver isso em Regina, pois apesar de não ter tido filhos, ela mostra ter uma inclinação, desde menina, ao cuidado com criaturas mais frágeis. Ela diz ter tido muitos animais de estimação de quem cuidava, muitas vezes junto de Junior, com quem acabou se casando: “Durante toda a minha infância tive um burrinho de estimação, cabritos para cuidar, duas tartarugas de estimação por muito tempo, e sempre cuidava dos coelhos que mantínhamos em gaiolas”⁷⁴ (CASTILLO, 2007, p. 29).

Sobre as cartas trocadas com Junior e tomadas por sua mãe, Regina diz sentar todas as noites para reescrever cada uma delas, lembrando-se de como ele a chamava de “preciosa paloma” e ela a ele de “precious dove”, dizendo que quando eles eram crianças, no rancho de seu avô Metatron, os dois criaram a “Ordem Secreta da Pomba Sagrada”, e que quando Junior foi para a guerra, ele disse que ia deixá-la encarregada de cuidar de todas as criaturas inocentes. Ela relembra: “Caminhando para casa da fábrica de pimenta onde trabalhei naquele ano, fingia que todos

74 “Throughout my childhood I had a pet burrito, cabritos to watch, two pet box turtles for a long time, and I always got to take care of the baby bunnies we kept in cages”.

os passarinhos, cachorros, gatos, cavalos, galos – qualquer animal pelo qual eu passasse – estavam sob meus cuidados. Eu jogava migalhas e deixava restos de comida para eles”⁷⁵ (CASTILLO, 2007, p. 208). É possível assim saber um pouco mais sobre a relação de Regina e Junior, que tinham em comum o amor e cuidado com os animais, e ainda dividiam um sonho: “Quando ele voltasse para casa, nós iríamos estudar para sermos veterinários. Foi o que dissemos a nós mesmos. Éramos apenas crianças. Nenhum sonho é grande demais quando se é tão jovem”⁷⁶ (CASTILLO, 2007, p. 208).

Aqui é interessante trazer a história de Winnie, cadela de Regina, que foi um presente de Natal seu para Gabo quando ele tinha dois anos, em uma das vezes em que seus pais o deixaram com ela para trabalhar. Gabo deu à cadela este nome por causa de sua história favorita, *Winnie-the-Pooh*. Mais à frente, Regina a apelidou de *Tuerta*, devido a ter ficado com apenas um olho, pois o outro havia sido arrancado ao ficar preso em um cacto. Posteriormente, Winnie ficou com câncer, mas Regina não teve dinheiro para a cirurgia. Ela lembra que pegou o animal de um vizinho, contando que a cadela veio de uma ninhada de dezesseis, comentando que

75 “Walking home from the Chile plant where I worked that year, I pretended all the pajaritos, dogs, cats, horses, roosters – any animals I passed – were in my charge. I’d throw migas around and leave scraps of food out for them”.

76 “When he came home we were going to study to be veterinarians. That’s what we told ourselves. We were just kids. No dream is too big when you’re that young”.

eram muitos filhotes para a mãe dar conta e que ela acabou esmagando alguns por acidente. Depois de algum tempo, Regina diz que encontrou “la Tuerta Winnie” morta, deitada na cozinha, e que sem dizerem qualquer palavra, ela e Gabo a enterraram ao lado do cacto que havia arrancado um de seus olhos.

Mais adiante, Regina volta à história de Winnie e de seus irmãos mortos pela mãe: “Na época em que Winnie nasceu [...], lembro-me de todos os cachorrinhos que foram esmagados pela mãe. Por acidente. Mas ainda assim. Seis deles. Ajudei o fazendeiro e sua esposa a recolhê-los, porque a mãe era muito protetora; ela estava mostrando os dentes para nós”⁷⁷ (CASTILLO, 2007, p. 200). Regina não faz nenhuma relação desse evento com sua própria vida, mas é possível associar aquela cadela a uma mãe protetora que ao mesmo tempo mata seus filhos por acidente, como sua própria mãe, que Regina diz que muitas vezes queria protegê-la, mas que acabou matando vários de seus sonhos e possibilidades na vida. A personagem ainda se mostra impressionada ao relembrar a cena dos filhotes, mais de dez anos depois: “Eles eram tão pequenos. Seus olhinhos ainda estavam fechados. Eles nunca chegaram a ver a luz do dia ou a saborear o leite.

77 “Back when la Winnie was born [...], I remember all the puppies that had been crushed by the mother. By accident. But still. Six of them. I helped the farmer and his wife gather them up because the mother was so protective; she was baring her teeth at us”.

Ela simplesmente os esmagou, por acidente, como eu disse”⁷⁸ (CASTILLO, 2007, p. 200).

É também de certa forma por acidente que, ao fim da narrativa, seu sobrinho Gabo é tragicamente assassinado por Tiny Tears, sua colega de turma da escola, que fazia parte de uma gangue e estava envolvida com crimes e drogas. Ela estava sendo mantida presa em uma casa e continuamente drogada e abusada, e quando Gabo tentava ajudá-la a sair de lá, acabou sendo golpeado por ela com um caco de vidro. Tiny Tears era ainda mãe adolescente, e após sua prisão sua pequena filha ficou a ponto de ser encaminhada para adoção. Neste momento é provado que, mesmo mantendo-se virgem, sem gerar filhos, isso não foi impedimento para que Regina pudesse exercer o papel de mãe. Além de tratar Gabo como filho, depois de sua terrível morte ela decide, em uma atitude corajosa e audaciosa, adotar a filha da jovem que matou seu sobrinho, expandindo desta forma o sentido de maternidade para além de relações consanguíneas, em um ato de compaixão e solidariedade, mostrando que a família pode se estender para além da fronteira da consanguinidade.

A personagem se mostra preocupada em proteger e garantir a sobrevivência das gerações mais novas: “Apesar

78 “They were so small. Their ojitos still shut. They never even got to see light or taste milk. She just crushed them, by accident, like I said”.

do trágico destino de seu amado sobrinho, Regina expande sua identidade como mãe ao escolher cuidar do bebê de Tiny Tears, a quem mais tarde renomeia Gabriela [...]”⁷⁹ (HERRERA, 2014, p. 170). Na verdade, a bebê ainda sequer tinha sido nomeada, e Regina dá a ela um nome significativo, através do qual homenageia seu falecido sobrinho e também seu finado irmão. Na decisão de Regina pela adoção da bebê, pesa mais uma vez a influência de sua mãe, porém desta vez de uma forma positiva, quando enfim a narradora parece fazer as pazes com ela, sendo capaz de enxergar mais claramente seus aspectos positivos, tais como generosidade e solidariedade:

María Dolores Jiménez, conhecida por todos como Tiny Tears. Uma mãe de dezessete anos que vai a julgamento como adulta. Essa não foi minha decisão. Essa é a decisão do sistema judicial. Minha decisão é cuidar da criança. Tiny Tears não quer. Sua própria mãe também não queria. A criança estava prestes a ir para um orfanato. Eu não fui criada assim. Minha mãe pode ter sido dura, mas ela não era assim. Ela sempre dizia: “Sempre há feijão suficiente na panela para alimentar a todos”.⁸⁰ (CASTILLO, 2007, p. 209)

79 “Despite her beloved nephew’s tragic fate, Regina expands her identity as a mother by choosing to care for Tiny Tears’s baby, whom she later renames Gabriela [...]”

80 “María Dolores Jiménez, known to everyone as Tiny Tears. A seventeen-year-old mother who is going to trial as an adult. That wasn’t my decision. That’s the decision of the court system. My decision is to care for the child. Tiny Tears don’t want it. Her own mother didn’t want it, neither. The toddler was about to go to foster care. I wasn’t raised like that. My mother may have been harsh but she wasn’t like that. She always said, ‘There are always enough frijoles in the pot to feed everyone’”.

Ao tomar esta decisão, Regina transforma não apenas sua própria vida, tornando-se oficialmente mãe, como muda também a de uma bebê inocente, que nasceu em um contexto repleto de dificuldades, mas que ainda pode dispor da chance de ter uma vida melhor do que a de suas mães biológica e adotiva: “Regina pode não ter sido capaz de salvar seu sobrinho da morte, mas ela pode potencialmente salvar a vida de Gabriela”⁸¹ (HERRERA, 2014, p. 171). Além de dar uma nova chance para a bebê, Regina também possibilita um novo horizonte para sua própria vida, uma forma de renovação de si mesma, uma vez que ela pode sair do papel de filha e abraçar de vez a função de mãe, deste modo compreendendo melhor sua própria mãe. Apesar de o romance terminar no momento da adoção e não ser possível saber que rumo a história seguirá, há um vislumbre do potencial de Regina sair de uma relação doentia que se perpetuava com sua mãe mesmo após sua morte e em direção a uma vida com novas perspectivas para si mesma e, principalmente, para a jovem vida pela qual é agora responsável.

Interessante notar que é somente após assumir a maternidade e construir sua identidade como mãe de fato e de direito que Regina consegue ver sua própria mãe com um

81 “Regina may not have been able to rescue her nephew from death, but she can potentially save Gabriela’s life”.

olhar mais afetuoso, admitindo um lado generoso e bondoso dela. De fato, Regina atribui sua decisão pela maternagem à sua mãe, que apesar de ter sido dura também foi generosa, e mesmo rejeitando o modelo de maternidade de sua mãe ao longo do romance, transmite a generosidade dela ao seu sobrinho e à sua nova filha (HERRERA, 2014, p. 171). Provavelmente de forma diferente de sua mãe, Regina pôde escolher abraçar o papel de mãe, possibilitando deste modo o exercício de uma maternagem consciente, para além da instituição imposta da maternidade, fazendo desta atribuição uma forma de empoderar a si mesma e a criança que escolheu criar. Regina desafia as noções de maternidade de sua mãe e de sua cultura unindo virgindade e empoderamento, força e afeto, rejeitando o controle negativo da mãe morta por meio de seu papel como mãe virgem (HERRERA, 2014, p. 172). A maternagem de Regina se mostra atrelada a um empoderamento, não como poder sobre os outros, mas como uma força transformadora positiva, especialmente de si mesma, uma vez que sua decisão possibilita que ela saia do papel de filha mal-amada para o de mãe além do sangue: “[...] a adoção de Gabriela é um ato de maternagem feminista, pois protegerá a criança de ficar órfã, bem como de que se torne uma vítima perpétua do estilo de vida violento de sua

mãe biológica e de um sistema de adoção problemático”⁸² (HERRERA, 2014, p. 170-171).

Rafa era o único parente vivo de Regina além de Gabo, e os dois morrem ao fim da narrativa, encerrando assim a linhagem de sua família. Porém, Regina promove uma continuidade, não através de vínculos consanguíneos, mas de laços afetivos, além de uma forte consciência social, dando a chance de uma vida digna a uma jovem bebê que poderia passar a sua vida em um orfanato, sem uma família, ou talvez acabar seguindo os mesmos passos de sua mãe biológica. Não é possível saber de que forma Regina desenvolverá sua maternagem de Gabriela, mas ao fim do romance há uma infinidade de possibilidades, especialmente como esperança de um novo horizonte, após eventos tão trágicos. Porém, após todos os acontecimentos vividos por Regina, se mostra possível uma mudança de postura da personagem, ao se empoderar como mãe e indicar ser finalmente capaz de deixar para trás as barreiras que sentia como impostas por sua mãe. Adotando Gabriela e sendo uma mãe virgem e adotiva, Regina acaba estabelecendo uma ligação positiva com sua falecida mãe, que demonstrou a virtude de partilhar com outros, se conectando assim com sua mãe através da

82 “[...] adopting Gabriela is an act of feminist mothering, for it will protect the child from being motherless – as well as from becoming a perpetual victim of her mother’s violent lifestyle and of a problematic foster care system”.

sua própria versão de maternagem, não mais sinalizando uma rejeição total da influência de sua mãe morta sobre sua vida (HERRERA, 2014, p. 171).

Ao assumir uma postura aberta e ativa, Regina abraça um sentido de irmandade e solidariedade não familiar, tornando-se plenamente uma versão terrena da Virgem de Guadalupe, a mãe virgem que cuida de todos os filhos que se apresentam a ela, abarcando não apenas um indivíduo, mas toda uma comunidade, tal como a personagem faz em menor escala, cuidando dos animais, das plantas, de Gabo, de Gabriela, e, indiretamente, da família de sua filha adotada. Aqui é interessante trazer o conceito de “(m)othering the borderlands”, tal como definido por Santos e Morey (2013), juntando os aspectos de maternagem e com questões de fronteira, como vividos pelas mulheres naquele espaço, tal como Regina: “A maternagem neste contexto abrange um reconhecimento do eu como parte e responsável pela melhoria do eu mais amplo: a comunidade, as companheiras chicanas e latinas – *La Raza*. A maternagem neste cenário torna-se um ato de solidariedade, nutrição e orientação [...]” (SANTOS; MOREY, 2013, p. 90, grifo nosso).⁸³

83 “Mothering in this context is one that encapsulates a recognition of the self as part of and responsible for the betterment of the larger self: the community, fellow Chicanas, fellow Latinas – La Raza. Mothering in this milieu becomes an act of solidarity, nurturing and mentorship [...]”

Regina representa bem este conceito ao adotar uma criança com quem não possui vínculo consanguíneo nem teria qualquer obrigação, possibilitando o desenvolvimento de uma vida que estava prestes a ser colocada em uma posição de grande vulnerabilidade, trazendo mais uma vez sua ligação com a Virgem de Guadalupe como ícone feminino. Esta é uma figura de resistência e representante de uma sobrevivência cultural, que abarca uma “[...] visão inclusiva de solidariedade que inicia uma conscientização pessoal e, eventualmente, social, caracterizada por um novo sentido de maternagem que reexamina e, em última instância, redefine aquilo que separa as latinas – as fronteiras – em algo que as une”⁸⁴ (SANTOS; MOREY, 2013, p. 90). Além disso, há um desafio à mentalidade de “fronteira” de liminaridade e pertencimento, dando a esta um significado muito mais amplo ao se abraçar o sentido transitório ou liminar da fronteira como um local de devir e de transformação, fazendo deste espaço intermediário um local reformulado de empoderamento pessoal e comunitário (SANTOS; MOREY, 2013, p. 90-91).

Regina simboliza assim o grande ícone feminino da cultura chicana, a Virgem de Guadalupe, e além disso, levanta ainda

84 “[...] inclusive vision of solidarity that initiates a personal, and ultimately a social consciousness raising, characterized by a new sense of mothering that re-examines and ultimately redefines that which separates Latinas – the borderlands – into something that unites them”.

estratégias de empoderamento e transformação que não são limitadas por nenhum tipo de fronteira, apontando para outras formas mais abrangentes de maternagem, tais como “outramaternagem” e “maternagem comunitária” (“othermothering” e “community mothering”), ambos exemplos de uma ampliação da ética materna do cuidado (SANTOS; MOREY, 2013, p. 100). O’Reilly afirma que estas duas formas de maternagem são “[...] estratégias de sobrevivência, na medida em que garantem que todas as crianças, independentemente de a mãe biológica estar presente ou disponível, recebam a maternagem que proporciona bem-estar psicológico e físico, possibilitando o empoderamento” (O’REILLY, 2004, p. 11).⁸⁵

A maternagem abordada aqui é aquela que une cuidado com empoderamento, além de uma possibilidade de cura, sendo este o aspecto que Santos e Morey (2013, p. 96) enfatizam em relação à sua proposta de “(m)othering the borderlands”, afirmando ser este um tipo de cura cultural. E é isso que Regina representa, tomada à imagem da Virgem de Guadalupe como uma fonte feminista de força, compaixão e cura. Este aspecto de Regina é reiterado por Poks: “[...] sua consciência de opressões compartilhadas permite que

85 “[...] strategies of survival in that they ensure that all children, regardless of whether the biological mother was present or available, would receive the mothering that delivers psychological and physical well-being and makes empowerment possible”.

ela faça alianças com outras vítimas do domínio patriarcal-colonial. Sua presença curativa e cuidado feminino se estendem gradualmente além da família imediata [...]” (2017, p. 130).⁸⁶ É disto que fala também a própria Castillo em seu livro de ensaios, indicando a ampliação do cuidado materno para além dos laços consanguíneos:

O princípio do vínculo materno exige que sejamos todos responsáveis por todas as crianças. [...] tanto mulheres quanto homens, sejamos mães biológicas ou não, podemos aprender a incorporar qualidades habitualmente vistas como inerentes à maternidade e aplicá-las na maneira como tratamos a nós mesmas, nossos relacionamentos e, naturalmente, nossas crianças.⁸⁷ (CASTILLO, 2014, p. 217)

A narradora Regina Ana por fim realiza completamente aquilo que estava prenunciado em seu nome composto: a ligação com a Rainha de seu primeiro nome, aqui entendida como a Virgem de Guadalupe, a mãe virgem, e também a conexão de seu segundo nome com Santa Ana, a padroeira das mães tardias. Finalmente empoderada, ela atravessa uma fronteira que poderia ser considerada impossível de cruzar,

86 “[...] her awareness of shared oppressions enables her to make alliances with other victims of patriarchal-colonial dominance. Her healing presence and feminine care gradually reach beyond the immediate family [...]”

87 “The mother-bond principle requires us all to be responsible for all children. [...] female and male alike, whether we are biological mothers or not, we can learn to incorporate qualities customarily seen as inherent in mothering and apply them to how we treat ourselves, our relationships, and naturally, the children”.

ao adotar a bebê da mulher responsável pela morte de seu sobrinho, abrindo um possível caminho de cura, pessoal e coletiva, através da nobre e difícil função materna, que se mostra ainda conciliadora com sua própria mãe.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, María Antonia. Spiritual Themes and Identities in Chicana Texts: the Virgin of Guadalupe as a Role Model for Womanhood. *In: LLEWELLYN, Dawn; SAWYER, Deborah. Reading Spiritualities: Constructing and Representing the Sacred*. Hampshire; Burlington: Ashgate, 2008.
- CASTILLO, Ana. *The Guardians*. New York: Random House, 2007.
- CASTILLO, Ana. *Massacre of the Dreamers: essays on Xicanisma – 20th anniversary updated edition*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2014.
- DELGADILLO, Theresa. Forms of Chicana Feminist Resistance: Hybrid Spirituality in Ana Castillo's So Far From God. *Modern Fiction Studies*, v. 44, n. 4, p. 888-916, 1998. Available at: <https://doi.org/10.1353/mfs.1998.0108>. Accessed on: 15th June 2020.
- GHIBAN, Maria-Cristina. Shooting Arrows with My Heart - An Exploration of Ana Castillo's Genre Jumping. *Label Me Latina/o*, Special Issue: Asserting Female Agency, 2012. Available at: <https://labelmelatin.com/?cat=16>. Accessed on: 14th Mar. 2020.
- HERRERA, Cristina. Dead Mothers and Virgin Daughters: Rewriting Motherhood in Ana Castillo's The Guardians. *In: HERRERA, Cristina. Contemporary Chicana Literature: (Re)Writing the Maternal Script*. Amherst: Cambria Press, 2014.
- O'REILLY, Andrea. Mothering against Motherhood and the Possibility of Empowered Maternity for Mothers and Their Children. *In: O'REILLY, Andrea (Ed.). From Motherhood to Mothering: The Legacy of Adrienne Rich's Of Woman Born*. Albany: State University of New York Press, 2004.

POKS, Malgorzata. Home on the Border in Ana Castillo's *The Guardians: The Colonial Matrix of Power, Epistemic Disobedience, and Decolonial Love*. *Revista de Estudios Norteamericanos*, n. 21, p. 119-143, 2017.

Available at: https://revistascientificas.us.es/index.php/ESTUDIOS_NORTEAMERICANOS/article/view/5382. Accessed on: 17th Nov. 2020.

RAMIREZ, Sarah. Borders, Feminism, and Spirituality: Movements in Chicana Aesthetic Revisioning. In: ALDAMA, Arturo J.; QUIÑONEZ, Naomi H. *Decolonial Voices: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century*. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

REBOLLEDO, Tey Diana. *Women Singing in the Snow: a Cultural Analysis of Chicana Literature*. Tucson: University of Arizona Press, 1995.

REVENTÓS, María Dolores Martínez. The Obscure Maternal Double: The Mother/Daughter Relationship Represented in and out of Matrophobia. *Atlantis*, v. 18, n. 1/2, p. 286-294, 1996. Available at: <https://www.jstor.org/stable/41054828>. Accessed on: 15th Feb. 2021.

RICH, Adrienne. Motherhood and Daughterhood. In: RICH, Adrienne. *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*. New York; London: W. W. Norton & Company, 1986.

SANTOS, Cristina; MOREY, Tracy Crowe. (M)othering the Borderlands: Testimony and the Latina Feminist Group. *Journal of the Motherhood Initiative*, v. 4, n. 2, p. 89-104, 2013. Available at: <https://jarm.journals.yorku.ca/index.php/jarm/article/view/37831>. Accessed on: 5th Feb. 2021.

SCHEMIEN, Alexia. Hybrid Spiritualities in Ana Castillo's *The Guardians*. *Forum for Inter-American Research (FIAR)*, v. 6, n. 1, 2013. Available at: <http://interamericaonline.org/volume-6-1/schemien/>. Accessed on: 10th Nov. 2020.

Juliana Meanda

Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Integrante do Grupo de Pesquisa "Escritos Suspeitos: estudos sobre a narrativa criminal" (CNPq).

E-mail julianameanda@id.uff.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4904155976098478>

ORCID iD - <http://orcid.org/0000-0002-0531-9729>